

JUVENTUDE E PERIFERIA: HIP HOP E A POLÍTICA NA BAIXADA FLUMINENSE

Aluno: Natasha Bianco Antony
Orientador: Marcelo Baumann Burgos

Introdução

O presente projeto está sendo desenvolvido no contexto do grupo de pesquisa sobre “juventude e periferia”, onde investigamos a relação entre o espaço urbano e o acesso aos direitos, enfocando o tema da juventude como uma categoria social que constitui o segmento que melhor dramatiza a segregação urbana. Nossa leitura sobre juventude e Baixada Fluminense tem acontecido há um ano, com a orientação do professor Marcelo Burgos e mais um grupo de seis alunos, e nosso intuito é o de ampliar o conhecimento sobre as condições de vida da Baixada e o maior entendimento sobre as questões que se referem aos jovens pobres da periferia como protagonista social.

Diante disso, especificamos como objeto de estudo as novas formas de militância política e cultural que vêm surgindo na Baixada, como forma de enfrentamento da condição de morador da periferia. Nosso objetivo é o de discutir a relação dos moradores da periferia com suas cidades. Ao escolhermos a juventude como objeto, apontamos para a importância assumida por esse grupo como ator da vida moderna, entendendo a juventude como uma construção histórico-social, que se deu no decorrer do século XX [1]. De especial interesse para nós é o tema da sociabilidade juvenil do mundo popular que, segundo a bibliografia especializada, está fortemente relacionada ao maior acesso à educação formal e às dificuldades de ingresso no mundo do trabalho em ocupações compatíveis com seu grau de instrução [2]. Esse deslocamento na questão juvenil, provocado pela chegada dos jovens do mundo popular a uma esfera que antes estava restrita aos jovens de classe média e de elite, estaria associado também à transformação do jovem em um problema social, protagonista de violência, e aparentemente alienado da vida política. No entanto, muitos autores têm salientado que, diversamente da representação dominante a seu respeito, esses jovens passam a pensar em política, não só através da via partidária, mas sobretudo em termos de uma política comportamental e identitária, dando origem a vários movimentos políticos, liderados por jovens saídos do mundo popular, tais como o estudantil, o comunitário, o negro, o feminista, de minorias e de contracultura em geral[3] .

Considerando que os jovens constituem o segmento que melhor dramatiza a segregação urbana, vamos estudar a relação dos jovens com a vida cívica da Baixada Fluminense, procurando identificar como a condição periférica vem sendo enfrentada através de novas formas de militância política e cultural. Neste aspecto, seguimos recomendação feita por Regina Novaes quando, em texto de 1998 sobre a participação juvenil em ações solidárias, observou que após conhecer os jovens envolvidos nessas ações cívicas “ficamos impedidos de fazer outras generalizações fatalistas sobre a juventude hedonista e individualista ou violenta e vazia”, reiterando, ainda, a importância de “dar visibilidade a gestos de solidariedade entre jovens e se perguntar se um novo padrão de participação social” [3].

Objetivos

Procuramos nesta pesquisa ver as alternativas de participação na vida política e social dos jovens pobres da Baixada Fluminense, através de militâncias culturais que têm na cultura hip hop sua principal forma de afirmação e de luta por reconhecimento e auto-estima subjetiva e comunitária. A partir da ida a campo procurarei identificar como esses jovens utilizam essa linguagem que, originalmente, surgiu em uma região de Nova York, e que foi se disseminando pelo mundo. Como é sabido, o hip hop, expressão cultural da diáspora africana, interpreta a experiência urbana da marginalização se apropriando simbolicamente por meio do espaço urbano através de três elementos, o rap, a dança (‘break’) e o grafite. Através da arte esse movimento fala das tensões urbanas e da condição de marginalização na cidade. Nosso objetivo, portanto, é o de estudar como essa forma de protesto tem sido apropriada por jovens pobres da Baixada Fluminense, abrigando a construção de novas identidades políticas que problematizam desde questões relacionadas à vida local até temas que dizem respeito às questões de gênero e de raça [4].

Para melhor situar nosso objeto, é necessário observar que a periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro ainda ocupa um lugar singularmente secundário na escala de prioridades local. Esta constatação se torna mais inteligível quando se compara sua situação com a periferia de São Paulo, que desde os anos de 1940 vem sendo objeto de estudos técnicos, pesquisas acadêmicas e de políticas urbanas. Ao passo que no Rio, as favelas da Cidade, e não a periferia, receberam maior atenção. Diversas razões concorreram para que isso acontecesse, entre as quais o fato da Baixada Fluminense pertencer ao antigo Estado do Rio, ficando fora portanto do imaginário carioca. Fato é que a Baixada Fluminense e sua população serão fortemente marcadas por representações negativas que, acabaram por contribuir para inibir a formação de uma cultura cívica local mais robusta. Somente recentemente essa situação começa a se modificar, e a universidade tem um papel a jogar neste processo.

Uma das premissas deste projeto, portanto, é a de que faz sentido trabalhar com a Baixada Fluminense, pois, se sua definição vem da caracterização geográfica – a planície que se estende entre a Baía de Guanabara e a Serra do Mar-, existe uma unidade social, cultura e política, que torna bastante semelhante a realidade de seus 13 municípios.

De outra parte, a escolha por focar a pesquisa na periferia do Rio de Janeiro foi feita a partir da constatação de que a periferia é o lugar onde se encontra a população mais pobre e menos escolarizada do Rio de Janeiro. Apesar da associação direta entre favela e pobreza persistir, há estudos como o de L. Valladares e E. Preteceille [5] que desafiam o senso comum ao demonstrar como a favela não é, ou pelo menos não é mais, o lugar onde se encontra a população mais pobre do Rio de Janeiro. Os autores puderam verificar através de dados do IBGE como, em geral, a favela se encontra em uma situação de vantagem em relação à região metropolitana, principalmente no que diz respeito ao equipamento urbano – acesso à água, saneamento, coleta de lixo. Segundo eles, essas condições se devem aos “investimentos que há décadas vêm sendo realizados pelo poder público, por setores não-governamentais e pela população local, em prol da chamada ‘urbanização de favelas’”.

Portanto, quando estamos falando em juventude e Baixada Fluminense, é preciso considerar o lugar subalterno que a região historicamente ocupa no imaginário da

capital, o que, como se viu, repercute no acesso a bens públicos, mas também deve repercutir na relação que a sua população estabelece com suas cidades e territórios. Sobre isso, uma das marcas da história política da Baixada Fluminense tem sido a frágil vida associativa local e a baixa participação política de sua população no poder local, associada à convivência com práticas políticas marcadas pelo clientelismo e mandonismo.

Até a década de 1980, a violência na Baixada esteve quase que diariamente nas páginas dos jornais, servindo para alimentar ainda mais a imagem negativa sobre a região. Entretanto, nos anos 1990 essa postura começa a modificar-se. Não apenas por parte dos jornais, mas também através de um esforço da própria Baixada, de seus movimentos sociais, das organizações da sociedade civil, e dos institutos culturais, em representá-la de forma mais positiva.

Além disso, mudanças no padrão de estruturação do espaço da Região Metropolitana do Rio de Janeiro afetaram significativamente a Baixada. A região passa a ganhar maior dinamismo econômico e a ser destino de investimentos do mercado imobiliário para setores médios e superiores. A criação de sub-centros econômicos e o desenvolvimento de uma economia local, com atividades formais e informais, levaram a uma maior heterogeneidade social.

Embora a região esteja assumindo um novo papel econômico, as mudanças ainda não foram suficientes para reverter o quadro de desigualdades sociais e garantir o exercício efetivo dos direitos sociais ao conjunto dos cidadãos. É nesse contexto, portanto, que pretendemos estudar a atuação de alguns grupos juvenis orientados para a animação do capital social local, através da militância cultural e política.

Metodologia

A pesquisa empírica terá como base material a ser levantado junto a grupos de hip hop atuantes na Baixada Fluminense, através de entrevistas com suas lideranças, visando compreender como constroem suas estratégias de ação e como lidam com os constrangimentos colocados pela situação política específica daquela região. A pesquisa de campo deverá ser iniciada em setembro de 2007.

Além disso, daremos continuidade à leitura de textos afins ao tema em questão.

Resultados a serem alcançados

Com esta pesquisa pretendemos ampliar o conhecimento sobre a participação juvenil na vida política das periferias das regiões metropolitanas, contribuindo com isso para a reflexão sobre os constrangimentos que têm dificultado o aprofundamento da democracia no Brasil.

O relatório final da pesquisa subsidiará a elaboração da minha monografia de final de curso.

Referências Bibliográficas

- 1-HOBSBAWN, Eric. **A Era dos extremos. O Breve Século XX**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 585p.
- 2- QUIROGA, Ana Maria. Juventude Urbana Pobre: Manifestações públicas e leituras sociais. In: C.Alberto Messeder Pereira; Elizabeth Rondelli; Karl Erik Schollhammer; & Micael Herschmann (orgs), **Linguagens da Violência**, Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 221-235.

- 3 - NOVAES, Regina. Apresentação. **Comunicações do ISER**. Nº 50, Ano 17, 1998.
- 4- ROSE, Tricia. Um Estilo que ninguém segura. Política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In Micael Herschmann (org.) **Abalando os Anos 90: Funk e Hip Hop**. Rocco, Rio de Janeiro, 1997.
- 5 - PRETECEILLE, E. e VALADARES, L. “Favela, favelas: unidade ou diversidade da favela carioca” in: **O Futuro das Metr6poles: desigualdades e governabilidade**, Luiz C6sar de Queiroz Ribeiro (org.)